

Da tradução à emoção em *A idade de ouro*, de José Martí

Marisa Ferreira Aderaldo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Resumo

Apesar de haver sido traduzido em vários idiomas, o cubano José Martí (1853-1895) é ainda pouco conhecido entre o público leitor brasileiro. Jornalista, poeta e revolucionário, desde muito jovem, emprestou sua pena para lutar pela liberdade de seu povo, alertando-o sobre o risco de libertar-se de uma Espanha imperial e decadente, e vir a cair nas garras do novo império do ocidente, os Estados Unidos da América. Mais que um revolucionário, o Martí de nossa apresentação é o “amigo das crianças” como ele mesmo se definiu nas revistas que redigiu em 1889, *La edad de oro*, “para que os meninos americanos saibam como se vivia antes, e como se vive hoje na América, e nas demais terras...”.

O objeto de nossa reflexão é a tradução, ou melhor, o exercício de leitura de *La edad de Oro* (Martí, 1889), que alunos e professores da Universidade Estadual do Ceará terminaram por converter em livro traduzido e publicado em maio de 2006, coincidindo com a visita de Aleida Guevara, filha primogênita de Ernesto Che Guevara a Fortaleza (CE). Das 185 páginas traduzidas participaram 12 colegas que imprimiram, cada qual a seu modo, um olhar sobre as poesias, contos, fábulas e crônicas desse escritor ainda hoje tão atual. É sobre esse *olhar*, sobre a competência leitora e a reflexão sobre a busca de sentidos na língua de partida (espanhol) e na língua de chegada (português), que pretendemos discorrer em nosso artigo para compor o relato de nossa experiência coletiva.

Palavras-chave: Martí - tradução literária – ensino.

Abstract

Despite being translated into several languages, the Cuban writer José Martí (1853-1895) is still not quite known by the Brazilian public. A journalist, a poet and a revolutionary, since early youth, he has lent his pen in the fight for the freedom of his co-citizens, alerting to the risk of getting free from imperial and decadent Spain and falling into the domain of the new western empire, the United States of America. More than a revolutionary, the writer of our presentation is the “friend of children” as he defined himself in the magazine he published in 1889, *La edad de oro*, “so that the children from America know how we used to live before, and how we live today in America and in other lands...”. The object of our reflection is the translation, or better, the exercise of reading of *La edad de oro* (Martí, 1889), which students and professors of the Universidade Federal do Ceará ended up converting in a book translated and published in May 2006, coinciding with the visit to Fortaleza by Aleida Guevara, Ernesto Che Guevara’s oldest daughter. The 185 pages have been translated by twelve colleagues, who have imprinted, each one in his/her own way, a different look into the poems, short stories, fables and chronicles by Martí, a writer still very pertinent. It is on this *look*, on the reader’s competence and the reflection on the search for meanings in the source language (Spanish) and in the target language (Portuguese) that the article is concentrated, proposing a report on our collective experience.

Key words: José Martí - literary translation - teaching.

Introdução

Apesar de haver sido traduzido a vários idiomas, o cubano José Martí (1853-1895) é ainda pouco conhecido entre o público leitor brasileiro. Jornalista, poeta e revolucionário, desde muito jovem, emprestou sua pena para lutar pela liberdade de seu povo, alertando-o sobre o risco de libertar-se de uma Espanha imperial e decadente, e vir a cair nas garras do novo império do ocidente, os Estados Unidos da América. Mais

que um revolucionário, o Martí de nossa apresentação é o “amigo das crianças” como ele mesmo se definiu nas revistas que redigiu em 1889, *La edad de oro*, “para que os meninos americanos saibam como se vivia antes, e como se vive hoje na América, e nas demais terras...”.

O objeto de nossa reflexão é a tradução, ou melhor, o *exercício de leitura* de *La edad de Oro*, que alunos e professores da Universidade Estadual do Ceará terminaram por converter em livro traduzido e publicado em maio de 2006, coincidindo com a visita de Aleida Guevara, filha primogênita de Ernesto Che Guevara a Fortaleza (CE). Das 185 páginas traduzidas participaram 12 colegas que imprimiram, cada qual a seu modo, um olhar sobre as poesias, contos, fábulas e crônicas desse escritor inda hoje tão atual. É sobre esse *olhar*, sobre a competência leitora e a reflexão sobre a busca de sentidos na língua de partida (espanhol) e na língua de chegada (português), que pretendemos discorrer em nosso artigo para compor o relato de nossa experiência coletiva.

O acesso a José Martí nos chegou por via acadêmica, ou seja, como parte de leitura obrigatória na disciplina de Literatura hispano-americana e, quando se diz “parte de leitura obrigatória”, é oportuno informar que se trata de um curso panorâmico, de sessenta-horas/aula, dentro do qual é preciso apresentar aos alunos outros autores de relevância nas letras americanas: Neruda, Borges, Carpentier, García Márquez, Guillén, Quiroga, Sor Juana etc. Dada a escassez do tempo, é normal que na antologia didática se opte pela seleção de relatos breves, contos ou poesias de cada autor mencionado. No caso de José Martí não é diferente, e normalmente se opta pela leitura e análise do conto *Nenê traviesa*, pelo fato de concentrar, em poucas linhas, um dos ideais revolucionários do autor – a educação do homem do futuro.

Pudemos perceber durante as aulas que a inclusão de experiências de tradução literária, ainda que os exercícios fossem breves e escassos, aumentavam a competência leitora e a capacidade de recepção, melhoravam o nível de consciência dos alunos sobre os passos seguidos pelo autor, sobre seu processo de seleção do vocabulário, sobre a opção por certo tipo de sintaxe e, naturalmente, sobre a sua visão de mundo. O relato que segue visa a compartilhar nossa experiência e a convicção de que permitir ao aluno a experiência da leitura/tradução em sala de aula de literatura ou de idiomas tem a dupla vantagem de estimular a reflexão sobre a história e a cultura em cada língua, como também a de proporcionar um grande incentivo para convertê-lo em leitor atento, presente e motivado.

1. O que é traduzir?

traduzir é o ato supremo de compreensão...
Rainer Maria Rilke
(in *Uma história da leitura* de Alberto Manguel, 1997))

Traduzir vem do latim *traducere*, e significa “conduzir ou fazer passar de um lugar a outro”, numa espécie de travessia na qual se passa de uma língua a outra um texto escrito na primeira delas. Para Maillot (*apud* CAMPOS, 1986, p.15), “[a tradução] *consiste essencialmente em elaborar um texto fiel ao conteúdo original, mas que dê a impressão de ter sido escrito diretamente na língua-meta*” enquanto que para Ortega y Gasset, filósofo espanhol (*ibidem*), “*Só quando arrancamos o leitor de seus hábitos lingüísticos e o obrigamos a mover-se nos do autor, é que há propriamente tradução*”.

Em contraposição, para Travaglia (2003) a tradução é a “retextualização”, seu cerne é sempre o maravilhoso, o novo, o inédito, que o tradutor constrói ao tomar conhecimento da fonte que é o texto original, de partida. E é sobretudo rebelião “*pois representa o resultado de um diálogo cheio de conflitos, de choques nunca placidamente resolvido entre culturas, línguas e individualidades e é “bienfaisance”, pois traz sempre o desejo de fazer o bem.*”

Em *Estudos de tradução*, Susan Bassnet (2003) se refere a Homi Bhabha, que usa o termo tradução no sentido etimológico de “*transportar algo de um lugar a outro*”, fundamental ao mundo contemporâneo, onde diariamente milhões de pessoas migram e mudam de lugar. Entre os tradutores não-europeus, da linha de estudos pós-coloniais, destacam-se três estratégias, ou três problematizações: a definição do conceito de *fidelidade e equivalência*, da *visibilidade* do tradutor e da escrita criativa. Nesta linha, o tradutor é visto como um libertador, alguém que “*liberta o texto dos signos fixos da sua forma original, acabando com a subordinação ao texto de partida, mas procurando visivelmente fazer a ponte entre o autor e o texto originais e os possíveis leitores da língua de chegada*” (BASSNET, *idem*, p. 10).

2. Traduzindo e aprendendo

La edad de oro, de José Martí (1889), é uma obra destinada aos meninos e meninas da América; consta de fábulas adaptadas, poesias, relatos históricos e contos de extensão variada, escrita originalmente em formato de jornal, e foi publicada durante

quatro meses do ano de 1889: agosto, setembro, outubro e novembro. Pode-se notar, nas linhas introdutórias, que o autor pretendia dar vida menos breve às publicações mas, ao que se sabe, suas inúmeras tarefas revolucionárias e uma querela com o editor, o impediram de dar continuidade ao seu projeto.

Em março de 2006, um grupo de ex-alunos da Universidade Estadual do Ceará foi convidado a enfrentar um desafio: traduzir as revistas *La edad de Oro*. Este grupo, totalmente oriundo da Faculdade de Letras da Universidade Estadual do Ceará, tem em comum a permanência no Projeto de Extensão “Núcleo de Línguas da UECE”, uma espécie de escola de professores, onde além de cumprir as práticas de aula obrigatórias exigidas pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) para a conclusão universitária, compartilham experiências docentes através de seminários e congressos.

Foram convidados dez alunos e uma professora revisora, os quais foram acompanhados por uma professora orientadora. Uma vez que nenhum dos convidados tinha experiência em tradução, prevaleceu o critério da capacidade leitora de cada um e a observação de pautas mínimas que deveriam ser seguidas como resultado da discussão das seguintes perguntas:

- a) deve uma tradução ser lida como uma obra original, ou ostensivamente como uma obra traduzida?
- b) Deve uma tradução apresentar-se com o estilo do seu autor, ou com o estilo do seu tradutor?
- c) Deve uma tradução dar a impressão de ser uma obra da época do seu autor, ou da época do seu tradutor?
- d) Deve-se seguir uma teoria de tradução específica?

2.1. Critérios mínimos da tradução

Para alcançar alguma *unicidade* no coletivo de *tradutores*, partimos da discussão e leitura de textos sobre tradução, os quais nos conduziram a critérios que poderiam ser minimamente seguidos, sendo o primeiro deles, *unânime*, que o tradutor *não ficaria invisível*, ou seja, deveria ficar *claro* que se tratava de obra traduzida e, para conseguir este efeito em todos os textos, concordou-se em manter, sempre que possível, a equivalência lingüística, estilística, textual. Nos diálogos, por exemplo, embora a forma de tratamento corrente e predominante no Brasil seja “você”, optou-se por uniformizar e manter o “tu” do original. Nas escolhas léxicas, sempre que houvesse correspondência

entre as línguas, deveria prevalecer o vocábulo selecionado pelo autor. Optamos, igualmente, por buscar a equivalência textual, sem alterar a forma em prosa ou poesia do texto de partida.

2.2. Tradução de expressões idiomáticas e manutenção da sintaxe de partida

Uma expressão verbal só tem sentido em um contexto de situação (MALINOWSKI apud ANDRADE, 2001, p. 116).

Em 1931, Hilaire Belloc (*apud* BASSNET, 2003, p. 184) delineava seis regras para o tradutor de textos narrativos dentre as quais destacamos a que se refere à tradução de expressões idiomáticas que “[...] *requerem , por natureza, uma tradução para uma forma diferente do original*”. Neste bloco, nos deteremos sobre alguns problemas detectados na competência lingüística e leitora dos “leitores-tradutores”, e sobre o processo de tomada de decisões:

Para Bassnet (*idem*, p. 136), “*a tradução interlingüística há-de reflectir seguramente a interpretação criativa que o tradutor faz do texto original*”. Entre os momentos que mais exigiram criatividade neste trabalho, destacamos a compreensão das expressões idiomáticas; tomemos como exemplo o texto *O Padre Las Casas* , onde Martí narra a trajetória do grande precursor da luta pelo respeito aos indígenas na América. Dizia Martí(1995): “*Seis veces fue a España, con la fuerza de su virtud, aquel padre que ‘no probaba carne’*”. (grifo nosso)

Levada, provavelmente, pelas informações sobre a vida pregressa de Las Casas, e pela construção do *ethos* literário que Martí lhe conferiu, “no probar carne” foi considerado como um epíteto épico, no sentido de *valentia*, e traduzido por “*aquele padre que ‘nada temia’*”. Ainda que a coragem em Las Casas fosse a marca de seu caráter firme e intransigente, a tradução por “*nada temia*”, apagou o sentido da ética religiosa do século XVI que, possivelmente, associava simbolicamente o jejum da carne a um ato de sacrifício. Entendemos, somente agora, depois de publicada a tradução¹, que a aplicação da regra de Belloc induziu a tradutora, que tencionava realizar uma tradução criativa e diferente do original, a um equívoco discursivo e histórico.

Outra crença que pudemos questionar na prática foi a possibilidade de repetir a sintaxe do texto de partida, principalmente por se tratar de línguas-irmãs. Embora nos

¹ Agradecemos a observação feita pelo Prof. Dr. Carmen López, da Universidad de La Habana.

tivéssemos posto em acordo para manter, sempre que possível, a sintaxe arbitrária do autor, foi-nos impossível manter a posição sintática do sujeito da ação e do complemento direto, sob pena de entregar à leitura, um texto absolutamente incompreensível. Vejamos a minuciosa explicação que Martí faz sobre a confecção da colher e do garfo “[...] *sino que a martillazo puro tenía que irlo aplastando el platero, hasta que estaba como él lo quería, y recortaba la cuchara a fuerza de mano, y a muñeca viva le daba al mango el dobléz, y para hacerle el hueco le daba golpes muy despacio...*” (MARTÍ, 1995, p.180-1).

Caso tivéssemos mantido a equivalência sintática, o leitor brasileiro acostumado com a seqüência *sujeito-verbo-complemento* teria que, inevitavelmente, fazer uma pausa na leitura para verificar se “prateiro” seria o agente ou o paciente da ação de amassar.

[...] e sim a martelada pura tinha que o ir amassando o prateiro, até que estava como ele o queria, e recortava a colher a força de mão, e a pulso vivo lhe dava ao cabo a curvatura, e para fazer o oco lhe dava golpes muito devagar [...]

Esse, aliás, foi um dos grandes desafios dos leitores-tradutores, cujos depoimentos revelam que a reordenação do sujeito e dos complementos direto e indireto era fundamental para tornar compreensível a primeira leitura. Reordenando, portanto, temos:

[...] **o prateiro** tinha que ir achatando-o às marteladas, até que ficasse como ele queria, e recortava a colher com a força das mãos, e com o próprio punho dobrava o cabo, e para deixá-la côncava golpeava-a pouco a pouco ... (grifo nosso).

2.3. Reflexão sobre a interferência da interlíngua

O fato mais curioso que pudemos perceber durante o processo de revisão da pré-edição dos textos, foi a presença da interferência de erros de origem *interlingüística* na tradução ao português. Dada a exigüidade do espaço, nos limitaremos a apresentar como amostragem alguns fragmentos da tradução de *As ruínas indígenas* (MARTÍ, 2006, p. 92)

Ou paravam-se (1) na rua **as gentes** (2), para ver passar **aos** (3) dois recém casados, com a roupa do noivo costurada junto **a** (4) da noiva, como para anunciar que estavam juntos no mundo até a morte; e atrás deles corria um garotinho arrastando um carrinho de brinquedo. Outros faziam grupos para ouvir **ao** (5) viajante que contava que vinha da terra

brava (6) dos zapotecas, onde havia outro rei que mandava nos templos e no palácio real, e não saía nunca a pé, somente nos ombros dos sacerdotes, escutando as súplicas do povo, que pedia por intermédio dele os favores **do** (7) que manda no mundo **desde** (8) o céu, e **aos** (9) reis no palácio, e **aos** (10) outros reis que andam nos ombros dos sacerdotes.

Conforme a tipologia de erros mais comuns proposta por Fernández (*apud* FARIAS, 2005, P.32) podemos considerar como *lexicais* as incidências (2) e (6), como *gramaticais* as incidências (1), (3), (4), (5), (8) e (9) e como *co-referencial* a incidência (7), de modo que na revisão o texto final se apresentou desta maneira:

Ou parava (1) na rua o povo (2), para ver passarem (3) os dois recém casados, com a roupa do noivo costurada junto à (4) da noiva, como para anunciar que estavam juntos no mundo até a morte; e atrás deles corria um garotinho arrastando um carrinho de brinquedo. Outros faziam grupos para ouvir o (5) viajante que contava que vinha da terra aguerrida (6) dos zapotecas, onde havia outro rei que mandava nos templos e no palácio real, e não saía nunca a pé, somente nos ombros dos sacerdotes, escutando as súplicas do povo, que pedia por intermédio dele os favores àquele (7) que manda no mundo lá (8) no céu, e nos (9) reis no palácio, e nos (10) outros reis que andam nos ombros dos sacerdotes.

Curiosamente o leitor/tradutor não se dá conta de que em sua língua materna, -o português - são raríssimas as construções com complemento direto preposicionado, construções que somente se aplicam em casos lexicalizados (“Caim matou a Abel”, “Deus ama ao filho”) ou nos casos em que se deva evitar a anfibologia.

3. O olhar

Chegamos por fim ao *olhar* e aos depoimentos sobre a validade da experiência como leitor-tradutor da obra *A Idade de Ouro*. Dada a coincidência no teor dos depoimentos, consideramos oportuno transcrever parte dos depoimentos de Juliana Navarro Fernandes e de Edilene Barbosa, que assumem, desta forma, o papel de porta-voz de seus colegas:

>P: Considera que a tradução literária é válida como exercício no ensino de E/LE?

<R: **Edilene**: (Sim) A tradução literária há muito tempo foi desabilitada do ensino de língua estrangeira, isto porque o ensino do latim (gramática-tradução) havia moldado o ensino de LE de então. Atualmente a tradução foi reabilitada por suas características pragmáticas e lingüísticas.

Ao aprender uma língua estrangeira, o aluno, mesmo a contragosto dos professores (que fazem várias mímicas e proibem taxativamente que o aluno fale em sua língua materna) faz traduções, esse é o modo como ele sente a língua estrangeira mais próxima de si. Vejo a tradução [literária] em sala

de aula como ferramenta de estudo muito potente e já fiz alguma atividade com a tradução em sala de aula: traduções interlingüísticas e intralingüísticas.

<R: **Juliana:** (x) sim. Pois possibilita entrar em contato direto com o dinamismo da língua objeto de estudo.

Considerações finais

Terminado o *exercício de tradução* nos vemos nos dois lados da moeda: por uma parte como leitores, e por outra, como tradutores. O leitor é um ser privilegiado pois é potencialmente um construtor de sentidos, podendo equiparar a prática da leitura a uma *utopia libertadora*. Em *Ensinar o prazer de ler* (2001), tese de mestrado transformada em livro, a pesquisadora Maria Inês Batista Campos reflete sobre esta fascinante experiência que sempre encantou a humanidade: “*Encantado pela magia do reino-que-vai-e-volta, através dos livros o ser humano pode transformar-se em mil outros seres*”, diz ela, e completa que é através da leitura que se pode estabelecer vínculos com toda a humanidade.

O tradutor, como leitor, é igualmente um privilegiado. No entanto, ao traduzir, ele é obrigado a fazer escolhas e, dentre as muitas opções, deverá optar exclusivamente por uma, pois deverá levar em conta seus futuros leitores. Em nossa curtíssima e brevíssima experiência de tradução literária, pudemos constatar como é injusta a máxima que diz que “o tradutor é um traidor”. Pudemos sentir na prática por que motivo ainda não se chegou a um consenso sobre o conceito de equivalência -, é que as regras de equivalência defendidas por aqueles que buscam sistematizar suas teses tendo como base a lingüística textual, estrutural ou discursiva (RODRIGUES, 2000 p. 23), *esbarram* no limite da tradução literária. Mas, ainda que tenhamos claro que as palavras só têm valor quando inseridas em uma cadeia que inclui forma, conteúdo, tempo e espaço, entendemos que a tradução, diletante ou profissional, tem um papel de transcendência universal: proporcionar *generosamente* a travessia de um texto no tempo e no espaço.

Referências

- ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O. *Relevância e contexto: o uso da digressão na língua falada*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP/FAPESP, 2001.
- BASSNET, Susan. *Estudos de tradução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- CAMPOS, Maria Inês Batista. *Ensinar o prazer de ler*. São Paulo: Olho d’água, 2001.

- FARIAS, Maria Solange. *Estudo da interlíngua de brasileiros estudantes de espanhol apoiado na Análise de Erros* (tese de Especialização). Fortaleza: UECE, 2005, s/pub.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARTÍ, José. *A idade de ouro*. (coordenação de tradução Marisa Ferreira Aderaldo) Fortaleza: Forgrell, 2006. MARTÍ, José. *Cuentos completos: La edad de oro y otros relatos* (edición de Ángel Esteban). Barcelona: Anthropos, 1995.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. *Tradução Retextualização: a tradução numa perspectiva textual*. Uberlândia: EDUFU, 2003.